

Meus pais não se casaram, apenas começaram a morar juntos. Depois de cinco anos eu nasci. Bom, eu estou com 19 anos e eles ainda estão juntos. Na minha opinião eles continuarão assim.

Quando eu nasci, o pai trabalhava como eletricista em São Paulo e a nossa casa ainda estava em construção, então eu fiquei com a mãe na casa da minha avó, em Curitiba, três meses depois do meu nascimento. Minha mãe nem gosta de falar nesses tempos. Ela diz que eram muito difíceis. Como a nossa casa ainda não estava pronta e meu pai só vinha para Curitiba a cada 15 dias, era a minha mãe quem tinha que supervisionar as obras da casa. A mãe conta que ia todo o dia lá na casa, ela me arrumava e a gente ia de ônibus. Quando a gente chegava, ela arrumava uma caminha pra mim dentro da gaveta de uma cômoda que tinha lá. Ela diz que eu ficava bem boazinha dormindo.

Depois de um tempo ela cansou dessa rotina, contratou um carro de mudança e levou todas as nossas coisas para a casa. Ela não contou isso pro meu pai. Quando ele veio pra Curitiba, foi direto na casa da vó, onde falaram que minha mãe tinha ido embora. A partir daí, eu e minha mãe ficamos na nossa casa mesmo. Ela não estava pronta, mas pelo menos se eu chorasse à noite não iria incomodar ninguém.

Quando eu tinha um pouco mais de um ano peguei rubéola e passei pra minha mãe. Eu, com rubéola tudo bem, mas minha mãe estava grávida da minha irmã. Então nos separaram e assim eu parei de mamar no peito. Minhas tias, irmãs do meu pai, costumam dizer que não sabiam com quem se preocupar mais, se comigo, pois eu estava longe da minha mãe, ou se com a minha mãe, que estava com rubéola na gravidez. Mas a natureza é muito poderosa e sabe o que faz. Dessa vez ela quis que nada acontecesse, nem à minha mãe nem à minha irmãzinha Odila. Ela nasceu perfeita.

Terei que voltar um pouco no tempo. Quando meu pai tinha 12 anos e morava no interior do Paraná, aprendeu o ofício de alfaiate. Com 18 anos, foi morar em São Paulo, onde exercia essa profissão em um atelier de alta costura. Diz ele que costurava pra muita gente famosa, de atores até jogadores de futebol. Naquela época houve no país um grande crescimento na área de telefonia, então meu pai fez um curso no SENAI de São Paulo e quando se formou já estava empregado. Não sei direito, mas acho que foi nessa hora que ele veio pra Curitiba e conheceu minha mãe. Mas como tudo que sobe um dia tem que descer, o ramo de telefonia decaiu e meu pai foi trabalhar em uma fábrica de cimento em São Paulo. Assim eu não o via muito (eu só via os meus tios) e quando ele chegava em casa eu o chamava de “tio”. Ele ficava muito chateado vendo sua filha chamando-o de “tio” e voltou a trabalhar em Curitiba. Nesse meio tempo, minha vó deu a ele uma máquina de costura e mesmo na fábrica,

ele continuou costurando para os colegas de trabalho. Fazia camisas, ternos para casamentos (inclusive os vestidos de grávida da minha mãe eram ele que fazia). As encomendas de roupa que ele recebia foram aumentando cada vez mais. Ele conta que em alguns meses recebia mais dinheiro das roupas que da fábrica. Até que ele resolveu viver só da costura mesmo, minha mãe o incentivou bastante, pois sabia que costurar era o que ele realmente gostava de fazer. Além de incentivá-lo, ela também aprendeu a costurar e os dois trabalhavam juntos lá em casa, nós vivemos um bom tempo disso. Meu pai atendia seus clientes em casa mesmo. Minha mãe fazia de tudo pra nossa casa parecer um atelier e não uma casa, ela queria causar uma boa impressão. Eu odiava quando os clientes chegavam, nessa hora minha mãe tirava a mim e a Odila da brincadeira e nos mandava para o quarto rapidamente. Falava para ficarmos bem quietinhas porque o pai estava atendendo um cliente. Lembro-me dela me explicando que tinha que fazer isso para o local ficar mais formal. Ah, como eu odiava isso. Era muito ruim largar minha brincadeira e juntar os brinquedos na maior pressa.

Quando eu estava com mais ou menos quatro anos, meu pai mudou o ramo de sua costura. Um dia meu pai leu no jornal que precisavam de alguém pra trabalhar com confecção de trajes folclóricos e foi atrás disso. Assim ele aprendeu a fazer bombachas e vestidos de prenda (roupas típicas do Rio Grande do Sul). Então começou a trabalhar com isso, fez sua própria clientela e é com esse dinheiro que a gente vive até hoje.

Depois de muita luta construímos uma confecção na parte de trás da casa e então era lá que meu pai atendia seus clientes. Assim eu podia continuar fazendo o que eu estava fazendo, era bem melhor. É claro que hoje eu entendo tudo o que minha mãe fazia naquela época.

Meu pai é uma pessoa que terminou o segundo grau fazendo um curso supletivo e não fez curso superior, mas quando se trata da minha formação escolar ele é muito exigente mesmo. Educação é uma das coisas que meu pai mais preza e quanto a isso ele se desdobrava e eu tinha todo o apoio que precisava.

Meu Ensino Fundamental foi todo em escolas públicas. Primeiro eu estudei em uma Escola Municipal perto da minha casa, para a qual eu ia todos os dias a pé. Depois eu consegui estudar em um bom colégio estadual. Foi bem difícil conseguir essa vaga no colégio estadual, meu pai teve que ir na madrugada do dia anterior para a fila da matrícula. Lá eu era uma boa aluna e foi com esse espírito estudioso que eu passei no teste do Colégio Estadual do Paraná, onde fiz o Ensino Médio.

Alguns dos melhores momentos da minha vida aconteceram nesse colégio. Nessa época eu descobri que gostava de fazer uma coisa que eu já estava fazendo, mas só me toquei do quanto isso era bom lá: eu adoro viver!

É verdade que assim eu não era a melhor aluna da turma, mas eu conseguia conciliar a boa vida com a sala de aula e no fim do semestre, meu boletim até que era suficiente para passar para o próximo sem maiores empecilhos.

Foi assim durante um bom tempo, meu pai sempre me auxiliando e me escorando e eu vivendo, que passei os três anos do Ensino Médio. Depois com o auxílio de uma bolsa consegui estudar meio ano em um cursinho particular. Tentei vestibular pra Engenharia Ambiental por conselho do meu pai. Ele falava que com esse curso eu uniria meu gosto pela biologia com a próspera área da engenharia. Eu concordei, até gostava do curso quando lia sobre ele, mas não aproveitei a bolsa que me foi dada e não passei no meu primeiro vestibular. No próximo ano fui à Feira de Profissões da Universidade Federal e assisti à palestra do curso de Biologia. Na mesma hora meu pai estava na sala ao lado assistindo a palestra de Engenharia Ambiental. As palestras acabaram e eu já estava certa de que meu curso era Biologia. Nós dois nos encontramos e foi muito legal porque quando eu perguntei para ele como era a Engenharia, ele disse: “Nada a ver com você!”

Consegui novamente uma bolsa e dessa vez eu estudei muito mesmo. Eu estudava todo dia. Nessa época, a confecção atrás da nossa casa ia bem, mas meu pai queria mais, ele queria uma coisa ainda mais informal e para termos um local assim, tínhamos que vender a nossa casa. Todos os membros da família concordaram. Então fomos à venda da velha casa e à caça de uma outra. Era estranho, sempre chegavam possíveis compradores da nossa casa e lá estava eu, na mesa da sala, internada nos livros. Felizmente, deu tudo certo. Vendemos a casa, alugamos um sobrado no mesmo bairro e eu passei em Biologia na Federal. Nos mudamos no início de 2004. Hoje nós moramos na parte de cima e a confecção funciona em baixo, desse jeito dá tudo certo. Nesse mesmo ano, conseguimos comprar um carro (até então tínhamos um Fusquinha). Agora meu pai vendeu o Fusca. Briguei com ele por isso, eu gostava do carro!

Relembrando a minha vida, às vezes penso que não passei por muitas dificuldades, mas refletindo bem sobre ela, posso concluir que acho isso porque meu pai fez de tudo para que eu pensasse assim. É como se ele passasse pelas dificuldades sozinho e só compartilhasse comigo os bons momentos. Com isso, ele ia me ensinando o que temos que aproveitar de verdade na vida. Hoje estou crescida, faço biologia e sigo à risca os ensinamentos do meu pai: vivendo, não sobrevivendo.